

*A poesia brota  
do Cerrado,  
lírica e telúrica,  
como as flores  
do ipê florescem  
na Primavera*

*Amo o quê há de  
ambíguo num  
porto de mar, que  
convida a partir e  
ensina a ficar...*

Cassiano Nunes

**DF  
LETRAS**

**A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA**

ANO IV

Nº 39/43

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

**IMPRESSO**

CONTRATO Nº 3956/91  
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF  
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

# O Delegado Bananeira

□ Napoleão Valadares

Mês passado foi-se Manuelzão. Agora, Juca Bananeira. Parece que a "indesejada das gentes" está solta contra os personagens de Guimarães Rosa. Espera aí, dona indesejada. Deixe ainda com a gente o Bindóia e o Zito, ali em Andrequicé, quietos. Deixe os últimos vaqueiros de Rosa. Eles ainda têm muita coisa para contar daquela viagem que fizeram da fazenda Sirga para a fazenda São Francisco. Podem até esticar um pouco a história da mula Balalaica, chegando mais perto do Burrinho Pedrês.

E me encontro em Arinos com Darc e Zito. Este, outro, xará do vaqueiro. Passaram a infância em Cordisburgo, sabendo tudo dali. Quando dou a notícia da morte de

Juca Bananeira, eles ficam assim... "Pois é. Que coisa! Cem anos, hein?"

E vêm as lembranças e os casos. Juca Bananeira foi delegado em Cordisburgo. Era o senhor José do Espírito Santo Cruz, homem da lei. E foi nesse tempo que apareceu por lá um ladrão, que furtava gavetas de dinheiro das vendas e lojas. Delegado ficou de olho. Ali pela estação do trem, encostado num poste, picando um fuminho, investigava calado. Uma hora, bate o olho num. Lascou o "teje preso". O sujeito quis correr, Bananeira estava com a mão na goela dele. Sacou o canivete, cortou-lhe o corrião e abriu-lhe a braguilha. "Quero ver ele correr com a calça na mão."

Era o tal gatuno, que logo mais confessou e mostrou as gavetas lá do outro lado da pinguela, no meio do capim meloso. Preso, fugiu duas vezes, que a cadeia de Cordisburgo naquele tempo era de porta de madeira. Aí, o delegado resolveu tirar a roupa dele. "Quero ver ele fugir pelado."

Pois o ladrão esperou anoitecer, fugiu, esperou amanhecer. Com o sol já por ali assim, as lavadeiras foram para o rio e quando estenderam a roupa para quarar, ele apareceu nu, produzindo uma correria de mulher para tudo quanto é lado. Passou a mão numas roupas, vestiu-se e sumiu.

Hoje, lá de cima, Juca Bananeira deve estar rindo disso tudo. E falando com Manuelzão:

- É, compadre, mais antes rasgar um cerra-do fechado e orelhar um boi xucro. Esse negócio de mexer com gente é difícil demais.

*O sujeito quis correr, Bananeira estava com a mão na goela dele.*

*Sacou o canivete, cortou-lhe o corrião e abriu-lhe a braguilha. "Quero ver ele correr com a calça na mão."*

*Era o tal gatuno.*

